

DA MÁSCARA AO MOSAICO: ARTE, CORPO NEGRO E COLONIALIDADE NA EDUCAÇÃO

Moelson Gomes¹
Ivaldino Dju²
Igor Monteiro Silva³

RESUMO

Introdução: O presente trabalho investiga, a partir da leitura crítica de duas linguagens artístico-visuais - o mural em mosaico conhecido como “Negra Nua” (título atribuído à obra: “A Escrava”), localizado na Avenida da Abolição, em Redenção (CE), e a imagem histórica da Escrava Anastácia -, os modos pelos quais a colonialidade continua a operar nas estruturas do saber e nas práticas educativas contemporâneas, fundamentando-se em Aníbal Quijano, Paulo Freire, Frantz Fanon e Grada Kilomba. **Objetivo:** Analisar, à luz do pensamento decolonial, como as duas imagens permitem problematizar a colonialidade na educação, evidenciando os mecanismos de silenciamento impostos aos povos negros e indígenas e os gestos de resistência e emancipação que a arte é capaz de expressar, discutindo o conceito de colonialidade do poder e do saber conforme Quijano e relacionando as imagens às contribuições de Freire e Fanon sobre educação libertadora e subjetivação colonial. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, desenvolvida na disciplina de Sociologia da Educação II da UNILAB, apoiada em análise iconográfica e semiótica do mural em mosaico e da imagem da Escrava Anastácia, articulada ao referencial teórico decolonial de Quijano, Freire, Fanon e Kilomba. **Resultados:** Os resultados evidenciam que tanto o gesto de elevação expresso no mural quanto o silenciamento imposto pela máscara de Anastácia funcionam como metáforas do currículo escolar enquanto espaço de disputa entre memórias apagadas e saberes legitimados, revelando que a colonialidade do saber hierarquiza os conhecimentos ao tratar o saber europeu como universal e as demais formas de conhecimento como particulares. **Conclusão:** Conclui-se que a colonialidade opera simultaneamente sobre o corpo, a fala e o conhecimento, e que a linguagem visual constitui instrumento pedagógico privilegiado para provocar deslocamentos críticos, contribuindo para práticas educativas decoloniais, plurais e emancipadoras que situem pensadores negros, indígenas e latino-americanos no centro do currículo. Apoio Financeiro: Sem apoio. Grande área do CNPq: Ciências Humanas. Os autores agradecem à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) pelo apoio institucional à realização desta pesquisa e pela oportunidade de participação na XII Semana Universitária. O trabalho dialoga diretamente com o tema da Semana Universitária, “Diversidade, Inclusão e Transformação Social”, ao evidenciar como a leitura decolonial de linguagens artístico-visuais contribui para incluir memórias e saberes historicamente silenciados no currículo escolar, promovendo a diversidade epistêmica e práticas educativas mais plurais e emancipadoras, em diálogo com a Sociologia da Educação.

Palavras-chave: COLONIALIDADE; EDUCAÇÃO COLONIAL; LINGUAGEM VISUAL; CURRÍCULO.

UNILAB, PALMARES, Discente, moelsonpereiragomes@gmail.com¹
UNILAB, PALMARES, Discente, ivaldinodju675@gmail.com²
UNILAB, PALMARES, Docente, monteiro_igor@yahoo.com.br³